

## CAPÍTULO 17

# MOSAICOS URBANOS: PEDRAS PAULISTANAS, PAULISTAS, BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS EM SÃO PAULO (SP)

Eliane Aparecida Del Lama  
Fernando Atique

### INTRODUÇÃO

Uma bonita forma de olhar as cidades é enxergá-las como um arquivo da História. Esta máxima, lançada pelo historiador da arquitetura Fernando Chueca-Goitia (2008), nos abre uma perspectiva analítica múltipla, que nos conduz, diretamente, à possibilidade de entender a maneira como as pedras que formaram os locais em que vivemos foram utilizadas e admiradas pelos artífices da urbanização. Com relação à cidade de São Paulo, esta estratégia de análise torna-se, além de importante, muito necessária, já que a Pauliceia se renovou muitas vezes ao longo de sua história de quase meio milênio. Instalada em uma posição geográfica singular, em um promontório circundado por cursos d'água, a localização escolhida pelos colonizadores portugueses no século XVI, foi revestida de estratégias políticas, já que a Várzea do Rio Tamanduateí, depois denominada de Várzea do Carmo, e o leito do ribeirão Anhangabaú, com possibilidade de visualização de extensa várzea, resguardavam a vila de ataques dos povos originários, que habitavam aquele território previamente.

Caminhando pela área fundacional da cidade, arquitetonicamente muito pouco sobreviveu dos primeiros séculos de ocupação da urbs, mas ainda é possível vislumbrar alguns aspectos do traçado urbano, e edificações de finais do século XIX e de todo o século XX. Esta área de fundação da cidade ficou conhecida como *Triângulo*, exatamente por conta da conformação geográfica do sítio de sua fundação, demarcado por três conjuntos religiosos que se instalaram em São Paulo: os carmelitas, os beneditinos e os franciscanos. Os campanários destas três ordens, curiosamente, estavam nos vértices deste Triângulo Histórico, acessível

por meio das ruas São Bento, Direita e Quinze de Novembro.

A tecnologia das construções em São Paulo, até meados do século XIX, baseava-se, prioritariamente, na aplicação das taipas de pilão e de mão, para paredes. Pouco a pouco, ela passou a ser associada a pedras, em especial o Granito Itaquera, em vergas, batentes, cunhais e ornamentos, como veremos, e, depois, a tijolos cozidos para produção de alvenarias. Após o incremento econômico da Província, fortalecido com as operações comerciais do complexo cafeeiro, e a instalação dos cursos de engenharia, na Escola Politécnica de São Paulo (1893) e no Mackenzie College (1896), e, depois o de arquitetura, primeiro no Mackenzie College (1917) e depois na USP (1948), com a ministração de conteúdos mais elaborados e introdução de outros sistemas contrutivos, um refinamento constante da construção se fez notar. As cadeiras de estereotomia e o de desenvolvimento do concreto armado, alavancaram o emprego de pedras ornamentais por todo o centro da cidade, e em muitos de seus novos bairros, que passaram a despontar freneticamente, de maneira a acompanhar o crescimento populacional da cidade. Entre 1872 e 1950, a cidade saltou de 31.385 para 2.198.096 habitantes. São Paulo se tornou uma metrópole incontestada nos anos 1950, e a construção civil se valeu deste dinamismo no mercado para viabilizar a aplicação de pedras não apenas locais, mas também nacionais e até estrangeiras.

### PEDRAS ENCONTRADAS EM SÃO PAULO

Geologicamente São Paulo é constituída pelo

embasamento cristalino – as rochas mais antigas, a Bacia Sedimentar de São Paulo – muito mais nova que o embasamento cristalino sobre o qual se formou, e os aluviões, que são sedimentos fluviais inconsolidados.

A única pedra paulistana, e a mais presente nos monumentos e edifícios, é o Granito Itaquera, constituinte do embasamento cristalino. Ele é encontrado em mais de 50 edificações no centro velho. Sua ocorrência mais antiga em monumentos data do início do século XIX e foi bastante utilizado até *ca.* 1940. Sua extração, proveniente da Pedreira do Roque, na Zona Leste, era feita de forma manual e fornecia material principalmente na forma de paralelepípedos e lajes. Entre 1957 e 1999, o local foi redominado como Pedreira Itaquera, com produção principalmente voltada para brita. A Pedreira Itaquera foi aterrada em 2006 e teve uma relação muito forte com a comunidade enquanto esteve ativa, sendo inclusive local de celebração de casamentos e festas populares.

O Granito Cantareira, que aflora em abundância na zona norte da cidade, não foi usado como pedra ornamental, provavelmente devido ao seu extenso faturamento, mas é muito utilizado para fabricação de brita.

Além do Granito Itaquera, encontramos nos monumentos e edifícios da cidade, pedras procedentes de outras partes do estado de São Paulo, de outros estados brasileiros e até de outros países.

As denominações das pedras, muitas vezes, relacionam-se com o local de procedência da mesma.

Assim, as pedras paulistas utilizadas na cidade de São Paulo são: Granito Cinza Mauá, Granito Rosa Itupeva, Granito Salto, Granito Vermelho Bragança, Granito Vermelho Capão Bonito, Granito Verde Ubatuba, Granito Preto Piracaia e Granito Preto Bragança. Estes dois últimos não são granitos *sensu strictu*, pois têm muito pouco quartzo em sua constituição, sendo apenas nomes comerciais. Eles são muito similares, pertencem ao mesmo contexto geológico

co e às vezes indistinguíveis, por isso a presença desses granitos pretos será referenciada como Granito Piracaia. Outras pedras paulistas utilizadas são Arenito Itararé, Arenito Botucatu e Filito São Roque.

Vários estados forneceram pedras para o revestimento de prédios de São Paulo: Bahia (Granito Azul Bahia, conglomerado), Minas Gerais (Calcário Sete Lagoas, Metacalcário com Estromatólitos, Pedra Mineira ou Pedra São Tomé, Granito Verde Candeias, ardósias), Espírito Santo (Granito Carlos Chagas, Granito Preto São Gabriel) e Rio de Janeiro (Granito Ás de Paus).

As contribuições estrangeiras vieram da Itália (Mármore Carrara, Travertino Romano, Calcário Rosso Verona, Calcário Giallo Verona, Calcário Giallo di Siena, Botticino, Serpentinito Verde Alpi, Nero Portoro), Portugal (Calcário Lioz), França (Vert d'Estours), Espanha (Nero Marquina), Noruega (Larvikito) e Turquia (Pavonazzetto).

Todas estas pedras podem ser observadas em georroteiros do centro velho, igrejas e Cemitério da Consolação (Del Lama et al. 2015, Machado & Del Lama 2015, Kuzmickas & Del Lama 2015, Del Lama 2019).

## AS MÚLTIPLAS PEÇAS DO MOSAICO: A CONSTITUIÇÃO DOS MONUMENTOS PAULISTANOS

Para exemplificar a utilização das pedras citadas no item anterior, são fornecidos alguns exemplos de edifícios e monumentos icônicos do centro velho, que diz muito sobre a história de São Paulo. Essa listagem segue ordem cronológica, mas ressalta-se que alguns edifícios foram reconstruídos diversas vezes. A data que acompanha o nome é aquela de sua configuração atual.

**Igreja São Francisco de Assis** - 1642 a 1647, Largo de São Francisco (Figura 17.1A). Igreja barroca, cujo convento foi residência do frei Galvão (primeiro santo brasileiro).

Foi construída com taipa de pilão, mas tem partes de Granito Itaquera. Internamente, o piso é revestido com Lioz e mármore de cores branca, cinza e preta.

**Igreja da Ordem Terceira do Carmo** - 1747 a 1758, Av. Rangel Pestana, 230 (Figura 17.1B). Foi erguida em taipa de pilão em estilo barroco. O edifício atual foi ampliado entre 1772 e 1802 e está entre as igrejas mais antigas de São Paulo. É constituída pelo Granito Itaquera. As pias de água benta foram confeccionadas com Lioz. Internamente, o piso é revestido com mármore branco e preto.

**Obelisco da Memória** - 1814, projetado por Daniel Peter Müller, Largo da Memória (Figura 17.1C). Era conhecido anteriormente como Pirâmide do Piques. O Chafariz do Piques foi construído mais tarde. Ao longo do século XIX, foi um dos pontos mais movi-

mentados de São Paulo, para onde convergiam todos os caminhos. O Chafariz foi extinto em 1872, e em 1919, Victor Dubugras redesenhou o Largo em estilo neocolonial, incluindo um novo chafariz. Foi confeccionado um mosaico constituído de azulejos pintados retratando cenas antigas, e as escadas receberam características *art nouveau*. O obelisco é constituído pelo Granito Itaquera e a escadaria pelo Granito Cinza Mauá.

**Conjunto da Secretaria da Justiça do Governo do Estado de São Paulo** - 1881 a 1891 e 1896, projetado por Ramos de Azevedo, Pátio do Colégio (Figura 17.1D). Pode-se afirmar que Ramos de Azevedo foi o arquiteto que construiu São Paulo. Do conjunto dos dois prédios, o da direita foi construído antes e foi a primeira obra de Ramos de Azevedo na cidade de São Paulo (na época abrigou a Secretaria da Fazenda e do



FIGURA 17.1. A. Igreja de São Francisco de Assis. B. Igreja da Ordem Terceira do Carmo. C. Obelisco da Memória. D. Conjunto da Secretaria da Justiça do Governo do Estado de São Paulo. Fotografias A, B e D: Lauro K. Dehira.

Tesouro), sendo que o edifício da esquerda foi construído em 1896 para abrigar a Secretaria da Agricultura. Neste, o embasamento é constituído pelo Granito Itaquera. Em ambos os prédios observa-se a presença de colunas coríntias.

**Igreja Santo Antonio** - 1899 a 1919, Praça do Patriarca (Figura 17.2A). É a mais antiga do centro, com as primeiras referências à ela datada de 1592. A base é de Granito Ita-

quera e sua escada é em Granito Cinza Mauá.

**Casa da Boia** - 1909, Rua Florêncio de Abreu, 123 (Figura 17.2B). De estilo *art nouveau*, o prédio mantém as mesmas características do começo do século XX. A parte inferior é composta pelo Granito Itaquera.

**Theatro Municipal** - 1911, supervisionado por Ramos de Azevedo, Praça Ramos de Azevedo (Figura 17.2C). Externamente tem



FIGURA 17.2. A. Igreja Santo Antonio. B. Casa da Boia. C. Theatro Municipal.

estilo renascentista, e foi inspirado no Ópera Garnier de Paris. A base é constituída pelo Granito Itaquera. A parte frontal do pavimento térreo é constituída pelo Arenito Itararé, com colunas de Granito Rosa Itupeva nos terraços do 1º Andar. As laterais e a parte traseira são feitas de alvenaria. O Arenito Itararé não é uma pedra adequada para ser usada em construções, pois em sua constituição há a presença de minerais de comportamento expansivo, que aceleram a sua deterioração frente às condições intempéricas. Internamente encontramos o Rosso Verona e o Giallo de Verona, calcários italianos, e o Mármore Itupararanga, proveniente das redondezas da cidade de Ibiúna.

**Edifício Guinle** - 1913 a 1916, construído por Hipólito Gustavo Pujol Júnior e Augusto de Toledo em estilo *art nouveau*, Rua Direita, 49 (Figura 17.3A). Foi um dos primeiros arranha-céus de São Paulo. O embasamento é constituído pelo Granito Itaquera.

**Mosteiro São Bento** - 1922, projetado por Richard Berndt em estilo Beuronense (próximo ao ecletismo germânico), Largo de São Bento (Figura 17.3B). Foi reedificado quatro vezes, e a ordem beneditina está no local desde 1600. É revestido externamente pelos granitos Itaquera e Rosa Itupeva. Internamente há granitos, calcários fossilíferos, mármore e Serpentinó Verde Alpi.

**Centro Cultural Banco do Brasil** - 1923 a 1927, construído por Hipólito Gustavo Pujol Júnior, misturando os elementos dos estilos neoclássico e *art nouveau*, Rua Álvares Penteado, 112 (Figura 17.3C). Ele foi concebido para ser a sede do Banco do Brasil em São Paulo. A partir de 2001 passa a ser seu centro cultural. Seu revestimento é de Granito Rosa Itupeva, polido na parte inferior, com cores mais pronunciadas, e apenas serrado no topo, com cores mais claras.

**Edifício Sampaio Moreira** - 1924, realizado por Cristiano Stockler das Neves em estilo Luís XVI, Rua Líbero Badaró, 346 (Figura 17.3D). Foi o prédio mais alto da cidade até

a inauguração do Edifício Martinelli. No térreo funciona a tradicional Casa Godinho, tombada como patrimônio imaterial em janeiro de 2013, sendo o primeiro bem imaterial tombado pelo município. Hoje, o edifício abriga a Secretaria Municipal da Cultura. É constituído pelo Granito Rosa Itupeva e Preto Piracaia.

**Monumento Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo** - 1925, de Amadeo Zani, Pátio do Colégio (Figura 17.3E). O grupo escultórico de bronze retratando a época colonial tem a base em granito cinza. É completado por uma coluna de Granito Itupeva.

**Edifício Martinelli** - 1929, Rua Líbero Badaró, 504 (Figura 17.3F). O edifício foi inicialmente projetado por William Filinger, mas o projeto foi alterado pelo próprio proprietário, comendador italiano Giuseppe Martinelli, que queria mais andares do que o previsto, aumentando de 12 para 30 andares. Com arquitetura eclética, possui reentrâncias para melhor ventilação e iluminação. Só o embasamento é de pedra, e foi usado o Granito Capão Bonito. Foi o edifício mais alto da cidade por sete anos.

**Edifício Alexandre Mackenzie** - 1929, projetado pelos arquitetos americanos William Proctor Preston e John Pollock Curtis, e executado pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Rua Cel. Xavier de Toledo, 23 (Figura 17.4A). O atual Shopping Center Light é um exemplar de arquitetura eclética norte-americana, com inspiração neoclássica. Foi projetado para ser a sede da empresa de energia *São Paulo Tramway, Light and Power Company* e abriga o shopping desde 1999. A serralheria e marcenaria do edifício foram executados pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. O edifício é constituído pelos granitos Itaquera e Itupeva, e o portal é de calcário fossilífero. Internamente no revestimento de uma ala há um degradê de rochas verdes: uma rocha calciossilicática, o Serpentinó Verde Alpi e o mármore francês Vert d'Estours.



FIGURA 17.3. A. Edifício Guinle. B. Mosteiro São Bento. C. Centro Cultural Banco do Brasil. D. Edifício Sampaio Moreira. E. Monumento Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo. F. Edifício Martinelli. Fotografias B, C, E e F: Lauro K. Dehira.

**Primeiro Tribunal de Alçada Civil** - 1930, do escritório técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares, Pátio do Colégio (Figura 17.4B). Tem estilo *art déco*, com ornamentos inspirados na arquitetura maia e colunas de estilo dórico. É constituído pelo Granito Rosa Itupeva. O hall de entrada tem um mosaico no piso constituído por mármore e Lioz. O mármore provavelmente é um Mármore Carrara, proveniente da Itália; e o Lioz é um calcário fossilífero português.

**Faculdade de Direito** - 1932, de autoria de Ricardo Severo, sucessor de Ramos de Azevedo, em estilo neocolonial, Largo de São Francisco (Figura 17.4C). A Faculdade de Direito instalou-se neste local em 1828, primeiramente ocupando o convento franciscano colonial que foi demolido em 1932 para a construção do atual edifício da faculdade. É constituída pelo Granito Itaquera.

**Mercado Municipal** - 1933, projetado por Ramos de Azevedo em 1926 e inaugurado sete anos mais tarde, Rua Cantareira, 306 (Figura 17.4D). Também conhecido como Mercado, seu embasamento é constituído pelo Granito Rosa Itupeva.

**Palácio da Justiça** - 1933, obra do escritório técnico Ramos de Azevedo, Praça Clóvis Bevilacqua. Foi concebido em 1911, mas só foi inaugurado em 1933 (Figura 17.4E). Tem arquitetura eclética e com influência neorrenascentista. Foi inspirado no Palácio da Justiça em Roma. É constituído pelo Granito Rosa Itupeva. Internamente há grande diversidade de pedras, tais como: Mármore Carrara, Nero Marquina, Giallo Verona, Botticino, Lioz, entre outras (Suzuki 2018).

**Marco Zero** - 1934, confeccionado por Jean Gabriel Villin em estilo *art déco*, Praça da Sé (Figura 17.4F). Substituiu o pelourinho da época colonial. É o local onde se iniciam as quilometragens das rodovias estaduais radiais, cuja numeração é sempre par, segundo a sua direção azimutal. As rodovias que são concêntricas, ou seja, não radiais em relação

à Praça da Sé, têm numeração ímpar. O monumento é constituído por mármore.

**Antigo Banco de São Paulo** - 1938, construído por Álvaro Botelho em estilo *art déco*, Praça Antônio Prado (Figuras 17.4G e H). Atualmente é a Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude. É revestido com o Granito Preto Piracaia e no interior há mármore importados.

**Viaduto do Chá** - 1938, de Elisiário da Cunha Bahiana. O primeiro viaduto, 1877, tinha estrutura metálica. Foi demolido e reconstruído em concreto armado. O piso é um mosaico em estilo pedra portuguesa constituído por Granito Rosa Itupeva e Arenito Botucatu (Figura 17.4I).

**Edifício Matarazzo** - 1939, projetado pelo arquiteto italiano Marcello Piacentini, Viaduto do Chá (Figura 17.4I). É um exemplo da influência do fascismo na arquitetura. Foi projetado para ser a sede das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, o que aconteceu até 1972. Depois pertenceu ao Banespa, por isso o apelido Banespinha, e desde 2004 é a sede da Prefeitura da cidade. A fachada é toda revestida com Travertino Romano, assim como o hall interior. Os balcões são revestidos por um calcário fossilífero preto. Em frente ao edifício há o monumento Guanabara, representando uma índia, constituído pelo Granito Cinza Mauá.

**Caixa Cultural** - 1939, projetado por Albuquerque & Longo em estilo *art déco*, Praça da Sé (Figura 17.5A). É a antiga sede da Caixa Econômica Federal em São Paulo. Desde 1989, abriga a Caixa Cultural. O destaque é o grande pórtico jônico. É revestido pelo Granito Preto Piracaia e o piso é composto por Granito Itaquera.

**Biblioteca Municipal Mário de Andrade** - 1941, Rua da Consolação, 94 (Figura 17.5B). A Biblioteca Mário de Andrade foi fundada em 1926 em outro endereço, sendo transferida para o atual endereço em 1941 e só recebeu o nome Mário de Andrade em



FIGURA 17.4. A. Edifício Alexandre Mackenzie. B. Primeiro Tribunal de Alçada Civil. C. Faculdade de Direito. D. Mercado Municipal. E. Palácio da Justiça. F. Marco Zero. G e H. Antigo Banco de São Paulo. I. Edifício Matarazzo no centro e Edifício Alexandre Mackenzie à direita ao fundo. No canto inferior direito, Viaduto do Chá. Fotografias: Lauro K. Dehira.

1960. É toda revestida pelo Granito Cinza Mauá. A estátua de Mário de Andrade, que anteriormente situava-se na Praça Dom José Gaspar, está agora dentro da Biblioteca. Internamente, as paredes são revestidas com o Serpentinito Verde Alpi e o piso com Lioz.

**Edifício Altino Arantes** - 1947, projetado por Plínio Botelho do Amaral em estilo *art déco*, Rua João Bricola, 24 (Figura 17.5C). É considerado um dos cartões postais da cidade e foi inspirado no Empire State Building de Nova York. Ele era conhecido como Prédio do Banespa, depois Santander e agora Farol Santander. O embasamento é constituído por um granito rosa.

**Sé** - 1954, Praça da Sé (Figura 17.5D). A Catedral Metropolitana de São Paulo, de estilo neogótico e cúpula renascentista, foi projetada pelo arquiteto alemão Maximilian Hehl em 1912 e inaugurada ainda incompleta em 1954, nas comemorações do IV Centenário da fundação da cidade. É constituída pelo Granito Cinza Mauá e tem estátuas em Granito Itaquera. No interior temos uma grande variedade de rochas ornamentais e mesmo de minerais, como a malaquita e o lápis-lazúli. A Malaquita veio do Congo e o lápis-lazúli veio do Chile. Os altares laterais são constituídos por Serpentinito Verde Alpi e Mármore Carrara, o altar-mor de Giallo di Siena e detalhes de malaquita, e a pia batismal é de Porfido Imperial (que é uma rocha vulcânica, procedente do Egito), Giallo di Siena e lápis-lazúli. No piso há outras rochas ornamentais, como por exemplo, o Travertino Romano. Uma peculiaridade é a ornamentação interna que usa motivos da fauna e flora brasileira, como o tatu, o tucano e o cacau. A base do altar é sustentada por um capitel jônico proveniente do antigo Palácio do Governo da Província, que se situava no Pátio do Colégio. Os outros três capitéis que compunham o pórtico do Palácio do Governo da Província estão no Pátio da Colégio. Estes capitéis são constituídos pelo Filito São Roque.

**Estátua Mãe Preta** - 1955, de Júlio Guerra, Largo Paissandú (Figura 17.5E). A estátua é feita de bronze e tem uma base de granito cinza. Realizada para celebrar a abolição da escravidão, acabou revelando uma íntima relação com o Largo do Paissandú, onde a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi realocada em princípio do século XX.

**Estátua de José Bonifácio** - 1972, de Alfredo Ceschiatti, Praça do Patriarca (Figuras 17.5F e G). À parte sua função política no cenário brasileiro, José Bonifácio foi o primeiro mineralogista das Américas e tem até um mineral em sua homenagem: andradita. A estátua é de bronze e o pedestal é feito de Granito Verde Ubatuba.

Uma outra pedra que é encontrada nos edifícios paulistanos é o Calcário Sete Lagoas (Figura 17.6A), exemplificado em um edifício no Largo do Café. No começo do século XX, este largo era um local muito importante da cidade, pois era bem próximo da Bolsa do Café. O Calcário Sete Lagoas é oriundo da Mina Samba em Inhaúma (MG). Seu uso na arquitetura permite que diferentes cortes da pedra sejam utilizados: em planta e em perfil. E neste caso, fica com uma aparência do perfil de uma cidade. No exemplo citado, a pedra tem cor vermelha, mas também pode ser cinza, como na Sala São Paulo e na Igreja São Luís Gonzaga.

Quando ocorreu a pedestrianização do centro, a partir de 1975, realizada por Olavo Setúbal, o calçamento das vias públicas exclusivas para pedestres no centro velho foi trocado por placas do Granito Cinza Mauá circundado por pequenos blocos justapostos de mármore ou basalto, em estilo pedra portuguesa, que ainda hoje estão presentes (Figura 17.6B).

## OS ENCAIXES DO MOSAICO: IDENTIFICANDO AS PRINCIPAIS PEDRAS DE SÃO PAULO

Dentre as pedras paulistas, a principal pedra usada nos edifícios paulistanos é o Granito Ita-



FIGURA 17.5. A. Caixa Cultural. B. Biblioteca Municipal Mário de Andrade. C. Edifício Altino Arantes. D. Sé. E. Estátua Mãe Preta. F e G. Estátua de José Bonifácio. Fotografias: Lauro K. Dehira.

quera (Figura 17.6C), que não é mais explorada comercialmente como rocha ornamental. A grande pedra que existia na Avenida Itaquera, está inativa e completamente aterrada. Inúmeros edifícios e monumentos no centro velho são constituídos por esta pedra, como os exemplos aqui citados, além da Pinacoteca, portal e jazigos do Cemitério da Consolação, Monumento a Ramos de Azevedo, Estádio do Pacaembu, entre outros.

Os granitos Itaquera e Itupeva (Figura 17.6D) parecem ter sido as rochas ornamentais escolhidas pelo escritório de arquitetura Ramos de Azevedo para a construção de diversos prédios públicos inaugurados entre o final do século XIX e começo do século XX (1930), devido à sua constante presença em suas obras. O Granito Cinza Mauá (Figura 17.6E), proveniente das cidades de Mauá e Ribeirão Pires (SP), foi e ainda hoje é muito utilizado em São

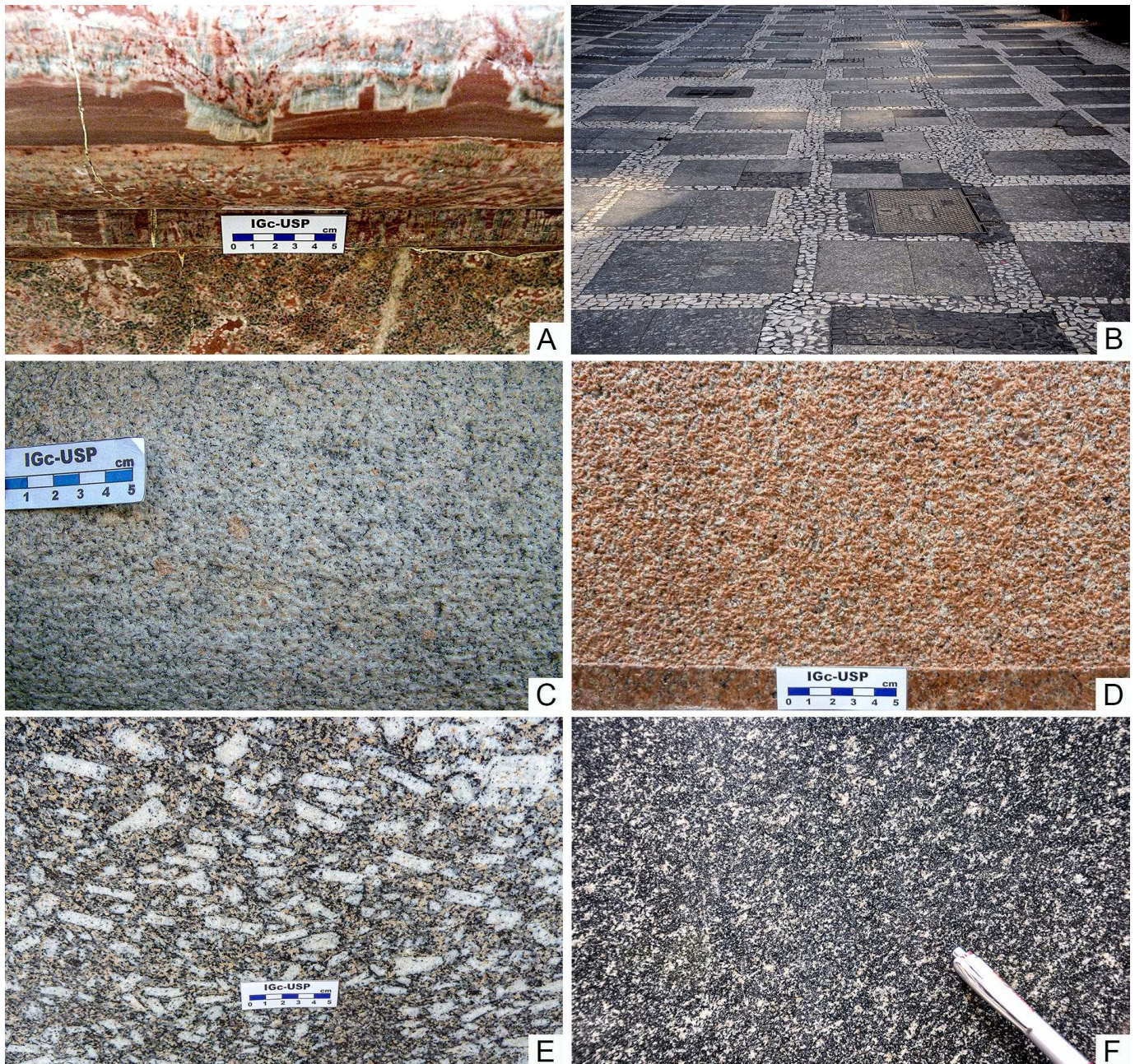


FIGURA 17.6. A. Calcário Sete Lagoas. B. Calçamento constituído pelo Granito Cinza Mauá e mármore branco. C. Granito Itaquera. D. Granito Rosa Itupeva. E. Granito Cinza Mauá. F. Granito Preto Piracaia.

Paulo. Seu uso torna-se mais frequente a partir da década de 1940. É encontrado em boa parte do revestimento do piso do centro velho e em muitas estações de metrô. O escultor Victor Brecheret tem várias obras confeccionadas com o Cinza Mauá, podendo-se afirmar que era sua rocha preferida. Exemplos de suas obras temos o Monumento às Bandeiras, Monumento a Duque de Caxias e Fauno. O Fauno, que está no Parque do Trianon, é constituído

pelo Granito Cinza Mauá e o pedestal pelo Granito Itaquera.

O Granito Preto Piracaia (Figura 17.6F), proveniente de Piracaia (SP), na realidade é um monzonito, e ainda encontra-se em exploração. Além do seu uso como revestimento de fachadas, também foi bastante utilizado na confecção de jazigos nos cemitérios da Consolação e São Paulo, devido à sua cor preta.

O Granito Verde Ubatuba, originário de Ubatuba (SP), também não é mais explorado porque os locais de sua ocorrência são parte do Parque Estadual da Serra do Mar, uma unidade de conservação, sendo que sua extração foi proibida desde a criação do parque.

Em relação às pedras de outras localidades, tanto do interior do estado quanto de outros

estados brasileiros, observa-se a utilização de muitas outras variedades de pedras nos edifícios paulistanos, e a sua diversidade aumenta em edifícios mais novos.

Em relação às pedras importadas, principalmente italianas, elas relacionam-se ao Ciclo do Café e ocorrem recorrentemente decorando e revestindo internamente os edifícios.

## REFERÊNCIAS

Chueca-Goitia, F. 2008. *A cidade, arquivo da história. Breve História do Urbanismo*. Lisboa, Editorial Presença, 7ª ed., p. 23-39.

Del Lama E.A. 2019. Rochas que construíram o centro velho de São Paulo. In: Mauro F., Pellicciota M. (orgs.). *As Edificações no Tempo – Olhares sobre a Conservação*. São Paulo, Museu de Arte Sacra de São Paulo, p. 282-287.

Del Lama E.A., Bacci D.D.L.C., Martins L., Garcia M.G.M., Dehira L.K. 2015. Urban geotourism and the old centre of São Paulo city, Brazil. *Geoheritage*, **7**:147-164. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12371-014-0119-7> (acessado Junho 2021).

Kuzmickas L. & Del Lama E.A. 2015. Roteiro geoturístico pelo

Cemitério da Consolação, São Paulo. *Geociências*, **34**(1):41-54. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/geociencias/article/view/9734/6544> (acessado Junho 2021).

Machado D.F.R. & Del Lama E.A. 2015. Geologia Eclesiástica no triângulo histórico paulistano: a diversidade geológica na divulgação das geociências. *Terrae Didática*, **11**:(3):138-149. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8643641> (acessado Junho 2021).

Suzuki A.T. 2018. *Estudo e análise do estado de conservação das rochas, por método não destrutivo, do Palácio da Justiça de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 127 p. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/44/44144/tde-06122018-150806/en.php> (acessado Junho 2021).

